

Para uma sintaxe das orações causais do português¹

Maria Lobo

Universidade Nova de Lisboa

I. A classificação das orações subordinadas adjuntas nas gramáticas portuguesas e definição das estruturas a considerar

Na tradição gramatical portuguesa (cf. *Nomenclatura Gramatical Portuguesa – NGP – e Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário – TLEBS*) considera-se a existência de cinco tipos de estruturas de coordenação, entre as quais se incluem as explicativas, e sete tipos de estruturas de subordinação adverbial, entre as quais se incluem as causais.

No entanto, a existência de um grupo de estruturas de coordenação com valores próximos da Causa não é pacífica. Em Dias 1881, Coelho 1891 e mais recentemente Bechara 1999, este grupo não é considerado, sendo todas as estruturas que exprimem a Causa (quer lógica quer real) agrupadas sob as subordinadas causais, tal como acontece normalmente na tradição gramatical espanhola. Para além disso, da leitura das gramáticas nem sempre fica claro qual o grupo a que pertencem os diferentes conectores. Em Cunha & Cintra 1984, por exemplo, todas as conjunções de coordenação explicativas reaparecem no grupo das conjunções de subordinação causais.

A proximidade entre estruturas de coordenação e estruturas de subordinação adverbial tem sido frequentemente referida na literatura. Veja-se, por exemplo, Longacre 1985, Lopes 1972, López García 1999, Mattos e Silva 1989, Peres 1997, Vera Luján 1981, entre outros. A não universalidade dos critérios que definem coordenação vs. subordinação e a dificuldade de aplicação dos critérios no caso das adjuntas impede muitas vezes uma classificação definida.²

Curiosamente, na tradição gramatical francesa e na alemã o grupo das orações coordenadas explicativas/causais está consagrado desde sempre. Embora no francês, as razões para a identificação deste grupo não sejam tão claras, na língua alemã, existe uma propriedade sintáctica que permite distinguir claramente entre estruturas de coordenação e de subordinação: a posição do verbo (V). Assim, nas

¹ Agradeço a Ernestina Carrilho e a João Costa as observações que fizeram à versão escrita desta comunicação.

² Em Lobo 1999 é feita uma revisão do tratamento das orações adverbiais e da distinção entre coordenação e subordinação na tradição gramatical portuguesa.

orações introduzidas por *denn* 'pois', o V ocorre em segunda posição, tal como nas frases não dependentes. Nas orações introduzidas por *weil* 'porque', o V ocorre em posição final, tal como nas estruturas de subordinação em geral. Assim, *denn* teria um estatuto coordenativo, enquanto *weil* seria subordinativo:

- (1) Wir gehen spazieren, denn [das Wetter ist schön].
'Nós vamos passear, pois o tempo está bonito'
- (2) Wir gehen spazieren, [weil das Wetter schön ist].
'Nós vamos passear porque o tempo bonito está'

Também em francês, existe uma única conjunção a que se atribui o estatuto de coordenativo causal: *car*. Os conectores *parce que*, *puisque*, *comme* são classificados como subordinativos. Embora nas gramáticas tradicionais francesas não sejam apresentadas razões para esta classificação, num estudo como o de Piot (1988), podemos verificar que a motivação para a distinção entre causais coordenadas e subordinadas se prende com a impossibilidade de anteposição da oração introduzida por *car* e com a impossibilidade de esta oração ser coordenada, entre outros factores.

Nas gramáticas inglesas, *for* é por vezes classificado como coordenativo. Os conectores *because* e *since* são sempre classificados como subordinativos. Conforme observam Quirk *et al.* (1985: § 13.), não existe uma fronteira clara entre estruturas de coordenação e de subordinação. As orações introduzidas por *for*, como mostram os autores com base em critérios sintácticos, situam-se nessa zona pouco nítida: tal como as coordenadas típicas, não podem ocorrer em estruturas de coordenação, nem podem ser antepostas, mas tal como os conectores subordinativos, *for* não pode ligar constituintes não oracionais, nem mais do que dois constituintes, e não permite elipse do sujeito. No inglês, estas orações são já pouco usadas. Sobrevivem apenas em registos formais.

Em qualquer dos casos, o número de conjunções a que se atribui o estatuto coordenativo explicativo (uma única conjunção em cada uma das línguas) contrasta com o que é considerado nas gramáticas portuguesas.

No entanto, em gramáticas descritivas como a de Renzi & Salvi 1991, para o italiano; Bosque & Demonte 1999, para o espanhol e Quirk *et al.* 1985, para o inglês, a posição adoptada consiste em tratar todas as estruturas causais no grupo das subordinadas, ainda que se reconheça a alguns dos conectores um estatuto próximo dos coordenativos.

Neste artigo, procurarei em primeiro lugar testar o estatuto mais coordenativo/mais subordinativo dos conectores oracionais que exprimem uma noção alargada de Causa em português e ver se se justifica a identificação de um grupo de estruturas de coordenação explicativas, tal como continua a ser considerado na *TLEBS*. Num segundo momento, procurarei identificar diferentes tipos de estruturas de subordinação causais, prosseguindo trabalho de Peres 1997, e usando critérios

sintáctico-semânticos conhecidos na literatura e aplicados com maior ou menor relevo em diferentes gramáticas descritivas (Quirk *et al.* 1985: § 15, para o inglês, Giusti 1991, para o italiano; Galán Rodríguez 1999, para o espanhol), tentando explicar por que razão algumas estruturas não admitem os testes em causa. Finalmente, procurarei, com base em argumentos empíricos (tais como possibilidades de dependência referencial do sujeito, sujeição ao escopo da negação, possibilidades de interpretação da frase complexa), determinar qual a posição estrutural ocupada pelos diferentes tipos de orações causais nas suas diversas posições, e explicar as restrições posicionais a que estão sujeitas algumas delas.

2. Descrição do comportamento sintáctico das várias estruturas que exprimem a causa no português europeu

Na descrição do comportamento sintáctico das orações que exprimem a Causa em português, considerarei, para além das causais infinitivas introduzidas por *por*, *visto* e *dado*, as orações finitas introduzidas por *porque*, *já que*, *visto que*, *dado que*, *uma vez que*, *como*, *pois* e *que*. Não considero as orações introduzidas por *visto como*, *pois que*, *por isso que* e *porquanto* (referidas em Cunha & Cintra 1984), as primeiras por não me parecerem ser usadas em português europeu contemporâneo, a última por estar já a entrar em desuso, sobrevivendo apenas em textos escritos num registo formal. Deixo também de lado as orações gerundivas por apresentarem problemas particulares, que aqui não posso desenvolver³.

2.1. Estruturas de coordenação ou de subordinação?

Procurarei em primeiro lugar testar o estatuto coordenativo/subordinativo dos conectores causais do português, recorrendo a testes sintácticos conhecidos na literatura, fundamentalmente de natureza distribucional (cf. Quirk *et al.* 1985, Piot 1988, López García 1999). Acrescento um critério adicional, válido apenas para o português europeu, que consiste na posição ocupada pelos clíticos na estrutura em causa. De facto, em português europeu a ênclise é característica das orações não dependentes (na ausência de outros factores desencadeadores da próclise) e a próclise característica das orações dependentes. Ainda que os resultados obtidos neste teste nem sempre sejam tão claros como seria desejável, eles permitem-nos, no entanto, ter uma ideia da tendência preferencial de colocação dos clíticos na estrutura em questão.

Os testes aplicados foram os seguintes⁴:

³ Não sendo normalmente introduzidas por nenhum conector, as orações gerundivas têm muitas vezes uma interpretação variável entre valores de causa, condição, modo... Nalguns casos, uma diferente leitura implica diferentes resultados nos testes sintácticos.

⁴ Dadas as limitações de espaço deste artigo, não me é possível incluir os exemplos que demonstram o

- i) possibilidade de a oração ser precedida de conjunção
- ii) possibilidade de a oração ser coordenada
- iii) possibilidade de a oração ocupar posição inicial
- iv) possibilidade de os clíticos ocorrerem em próclise
- v) possibilidade de a conjunção ligar constituintes não frásicos

No quadro 1, estão resumidos os resultados obtidos nos cinco testes acima referidos para os diferentes conectores causais, assim como para as conjunções de coordenação prototípicas, de forma a que se possa contrastar resultados.

Quadro 1. Resumo: estatuto mais coordenativo ou mais subordinativo dos conectores causais/explicativos

conjunções de coordenação e tipos de orações causais/ conector. causais	testes sintácticos				
	possibilid. de ser precedido de conjunção	possibilid. de ser coorden.	possibilid. de ocupar posição inicial	posição dos clíticos: pró- clise	possibilid. de ligar constit. não frásicos
<i>e</i>	-	-	-	-	+
<i>ou</i>	-	-	- ^a	- ^a	+
<i>mas</i>	-	-	-	-	+
<i>que</i>	-	-?	-	-?	-
<i>pois</i>	-	-	-	-	-
<i>porque</i> (explicativo)	-	?	-	-?	-
<i>porque</i>	+	+	+	+?	-
<i>visto que</i>	+	+ ^b	+	+	-
<i>dado que</i>	+	+ ^b	+	+	-
<i>já que</i>	+	+ ^b	+	+	-
<i>uma vez que</i>	+	+ ^b	+	+	-
<i>como</i>	+	+	+	+	-
<i>por</i> + infinitivo	+	+	+	+/-?	-
<i>por causa de</i> + inf ^c	+	+	+	+/-?	-
<i>visto</i> + infinitivo	+	+	+	-?	-
<i>dado</i> + infinitivo	+	+	+	-?	-

a. Não considero aqui as orações coordenadas disjuntivas em estruturas como '*ou...ou...*' em que o pronome aparece em posição proclítica.

b. Também podem ser coordenados conservando apenas a conjunção no segundo membro: '*visto que...e que...*'. Isto não é possível com *'*porque...e que*'.

comportamento sintáctico dos diversos tipos de causais relativamente aos testes. Remeto assim para Lobo (em curso).

c. Usado por alguns falantes num registo informal. Dialectalmente ou em registos não standard, pode ter também um sentido final:

(3) “Não deixavam por causa de não cansar as terras” (ALEPG, Cordial AAL 14)

Deste quadro, depreende-se que os conectores *pois*, *que* e *porque* explicativo têm um comportamento diferente dos restantes conectores causais, aproximando-se mais dos conectores coordenativos.

2.2. Classes sintáticas de orações causais; tipo de modificação envolvida

Neste segundo ponto, procuro distinguir classes sintáticas de orações causais, aplicando cinco testes sintáctico-semânticos já conhecidos na literatura e aplicados com maior ou menor extensão em diferentes trabalhos (cf. Quirk *et al.* 1985, para o inglês; Bosque & Demonte 1999, para o espanhol; Renzi & Salvi 1991, para o italiano; Peres 1997, para o português⁵6). Os testes consistem em verificar se a oração causal pode ou não ocorrer numa estrutura clivada, ser focalizada através de focalizadores como *só*, funcionar como resposta a interrogativas parciais, ocorrer em interrogativas ou negativas alternativas, e finalmente estar sob o escopo da negação da oração matriz:

1. clivagem
2. focalização
3. resposta a interrogativas-Qu
4. interrogativas e negativas alternativas
5. escopo da negação

No quadro 2. estão resumidos os resultados obtidos nos cinco testes para os diferentes conectores.

⁵ Peres 1997 não distingue subtipos sintácticos dentro das subordinadas causais. Apresenta os resultados de cinco testes sintáctico-semânticos (possibilidade de oração complexa ocorrer como complemento de V, aceitação de advérbios de frase, sujeição ao escopo da negação, movimento, clivagem) sob a forma de um quadro, do qual se depreende que as causais subordinadas têm um comportamento uniforme, distinto, no entanto, do das explicativas. Os dois primeiros testes que Peres utiliza servem, segundo o autor, para verificar se a estrutura complexa é ou não de natureza frásica. O facto de as orações explicativas obterem resultados negativos nestes testes leva-o a concluir que se trata de um processo de composição de períodos, mas não de frases. A unidade resultante da conexão não seria de natureza frásica. No entanto, penso que estes testes não testam necessariamente a natureza frásica da estrutura. Pode pensar-se que algumas orações são obrigatoriamente adjuntas a posições mais altas na frase, o que explicaria os resultados agramaticais.

⁶ Depois da apresentação deste trabalho, recebi de Judit Tapazdi, a quem muito agradeço, um livro em que se descrevem aspectos sintácticos e semânticos das orações subordinadas adverbiais do português, à imagem do que é feito em Renzi & Salvi 1991, para o italiano: Berta, Szijj & Tapazdi 1999.

Quadro 2: Resumo do comportamento dos diferentes tipos de orações causais relativamente aos testes apresentados

tipos de orações causais/ conector. causais	testes sintácticos				
	clivagem	focaliz.	resposta a Interr. Qu	Interrog. e negativ. alternativ.	escopo da negação
<i>porque</i>	+	+	+	+	+
<i>por + infinitivo</i>	+	+	+	+	+
<i>por causa de + inf*</i>	+	+	+	+	+
<i>visto que</i>	-	-	-	-	-
<i>dado que</i>	-	-	-	-	-
<i>já que</i>	-	-	-	-	-
<i>uma vez que</i>	-	-	-	-	-
<i>como</i>	-	-	-	-	-
<i>visto + infinitivo</i>	-	-	-	-	-
<i>dado + infinitivo</i>	-	-	-	-	-
<i>que</i>	-	-	-	-	-
<i>pois</i>	-	-	-	-	-
<i>porque (explicativo)</i>	-	-	-	-	-

Os resultados apresentados no quadro 2. permitem distinguir entre dois grandes tipos de orações subordinadas causais: aquelas a que podemos chamar **causais integradas** (ou de predicado ou circunstanciais) – introduzidas por *porque* (subordinativo) e por *por + infinitivo* – e aquelas a que podemos chamar **causais periféricas** (ou de frase), na sequência de Galán Rodríguez 1999 – introduzidas pelos restantes conectores. Se cruzarmos esta informação com a do quadro 1., vemos que os três últimos conectores se distinguem por não admitirem a anteposição nem a coordenação e por permitirem mais facilmente a ênclise. Estes introduzem orações **explicativas**.

Semanticamente, as causais periféricas, ao contrário das causais integradas, não exprimem a *causa/razão/motivação* do estado de coisas expresso na oração matriz, mas são interpretadas como causa da enunciação, relacionam dois actos de fala, exprimem uma causa indirecta (cf. Galán Rodríguez 1999: 3609; Quirk *et al.* 1985: § 15.45).

Por que razão não admitem as causais periféricas os testes acima?

Todos os testes acima apresentados envolvem de uma forma ou de outra uma focalização da frase subordinada. No entanto, o tipo de foco envolvido, como me foi assinalado por João Costa (c.p.), não é sempre o mesmo. A clivagem, a focalização com focalizadores como *só* e as interrogativas e negativas alternativas envolvem foco identificacional. A resposta a interrogativas-Qu envolve foco informacional. Finalmente no teste de escopo da negação, o tipo de negação que está em causa é a chamada negação de foco ('focusing negation'), em que a negação tem escopo

sobre um constituinte particular. No entanto, quer o foco envolvido seja identificacional quer informacional (cf. Costa 1998, Duarte 1997, Kiss 1998, e Ambar 1999, entre outros, para esta distinção), é sempre incompatível com uma pressuposição (cf. Zubizarreta 1998⁷). Ora, algumas adverbiais parecem ter inerentemente um **valor pressuposicional**, apresentam um dado pressuposto. Veja-se que também em Giusti 1991 e em Galán Rodríguez 1999 se distingue causais 'temáticas' de causais 'remáticas'. Ainda, em Mateus *et al.* (1989) é sugerido que existe uma relação entre os conectores e características informacionais⁸.

As orações explicativas, no entanto, não admitem estes testes por razões meramente estruturais: as estruturas de coordenação não podem ser submetidas a nenhum destes processos de focalização, ainda que possam eventualmente apresentar uma causa não pressuposta, desconhecida. Assim, se os conectores explicativos (cf. *pois, que e porque* explicativo) têm propriedades que os aproximam dos coordenativos, não é de estranhar que resistam a estes testes, tal como acontece com qualquer oração coordenada canónica:

- (4) a. *Foi mas o Pedro ficou em casa que o João foi ao teatro.
 b. *O João foi ao teatro, só mas o Pedro ficou em casa.
 c. *- Mas o Pedro ficou em casa.
 d. *O João foi ao teatro mas o Pedro ficou em casa ou mas o Pedro foi ao cinema?
 e. *O João não foi ao teatro mas o Pedro ficou em casa; foi ao teatro mas o Pedro foi ao cinema.

2.3. Diferentes graus de 'mobilidade' das causais/explicativas

Neste terceiro ponto, procuro observar quais as posições em que os diversos tipos de orações causais/explicativas podem ocorrer na frase complexa. Estas diferentes posições parecem estar dependentes em grande parte de factores discursivos, tal como é sugerido em Mateus *et al.* 1989⁹. As posições analisadas foram as seguintes: início absoluto de frase; início de frase a seguir a um constituinte topicalizado (sujeito, objecto ou outro); posição entre V e complementos; posição entre V e complemento 'pesado' e posição final de frase.

⁷ "I will assume that focus is defined in terms of the discourse notion of *presupposition*: that is, the focus is the non presupposed part of the sentence. The presupposed part of a sentence is what the speaker and hearer assume to be the case (i.e., the shared assumptions) at the point at which the sentence is uttered in a discourse." (Zubizarreta 1998: 1)

⁸ "A escolha dos conectores parece também dever-se à estrutura temática e à distribuição de informação: *visto que, como* exprimem normalmente a causa conhecida (e ocupam então a posição inicial)." Mateus *et al.* (1989: 303, n.5)

⁹ "A ordem linear da oração antecedente e da oração conseqüente numa construção condicional [em que estão incluídas as causais] depende fundamentalmente da **estrutura temática** e do **padrão de distribuição de informação** exibidos pelo texto de que os enunciados fazem parte." (Mateus *et al.* 1989: 303).

Quadro 3: Posição da oração causal na frase de que depende

orações causais/ conector. causais	Posição da oração causal				
	Inicial (Caus-Fm)	medial.1 (Top- -Caus-V)	medial.2 (V-Caus- -Compl)	medial.3 (V- -Caus -SX pesado)	final (Fm- -Caus)
<i>como</i>	+	+	-	-	-
<i>porque</i>	+	+	-	+	+
<i>visto que</i>	+	+	-	+	+
<i>dado que</i>	+	+	-	+	+
<i>já que</i>	+	+	-	+	+
<i>uma vez que</i>	+	+	-	+	+
<i>por + inf</i>	+	+	-	+	+
<i>visto + inf</i>	+	+	-	+	+
<i>dado + inf</i>	+	+	-	+	+
<i>que</i>	-	-	-	-	+
<i>pois</i>	-	?	-	-	+
<i>porque explicativo</i>	-	-	-	-	+

*Em posição final, estas orações são sempre precedidas de uma pausa, são marcadas entoacionalmente, contrariamente ao que se passa com as causais introduzidas por *porque* e por *por + inf*.

Da leitura do quadro 3. podemos verificar que à excepção dos conectores que considerámos terem propriedades próximas dos coordenativos em 2.1., todos os outros conectores podem ocorrer em posição inicial, quer absoluta, quer após um tópico. O conector *como*, no entanto, é o único que não pode ocorrer em posição final. Contrariamente aos advérbios, as orações adverbiais não podem ocorrer em posição pós-verbal, a não ser que o constituinte que as segue seja 'pesado', o que sugere que, neste caso, o que está em jogo são mecanismos de natureza prosódica e não factores exclusivamente sintácticos.¹⁰

2.4. Conclusões

No fim do ponto 2. podemos concluir, com base em critérios sintáctico-semânticos que existem pelo menos três tipos sintácticos de orações que exprimem uma relação de causa:

- a) coordenadas explicativas
- b) subordinadas causais periféricas (ou de frase)
- c) subordinadas causais integradas (ou de predicado ou circunstanciais)

¹⁰ Larson 1988, no entanto, sugere uma explicação sintáctica para este tipo de fenómeno.

De aqui em diante, vou pôr de parte as orações causais que se aproximam das estruturas de coordenação (introduzidas por *que*, *pois* e *porque* explicativo) e contemplar apenas as estruturas que me parecem estar mais próximas da subordinação¹¹.

3. Como derivar as frases com adjuntos oracionais nas diversas posições? Movimento ou adjunção na base a diversas posições? Com que motivação?

Neste ponto, pretendo contribuir com alguns argumentos empíricos para a clarificação da posição estrutural ocupada pelos diversos tipos de orações subordinadas causais (integradas/periféricas) nas suas diversas posições (à esquerda/à direita).

3.1. Causais integradas:

3.1.1. Causais integradas à direita

Quando estão à direita, verificamos que as causais integradas:

a) podem estar sob o escopo da negação:

(5) O João não faltou à aula porque esteve doente (faltou porque chegou atrasado)

b) não podem ter sujeito SN/SD co-referente com sujeito nulo ou pronominal da matriz, o que mostra que em 0 o SN *o João* é c-comandado pelo sujeito da matriz:

(6) *pro/ele_i faltou à aula porque o João_i esteve doente.

c) são ambíguas entre modificadoras do predicado encaixado ou do predicado matriz (em frases complexas):

(7) Ele diz que o Zé não empresta os apontamentos a ninguém porque é antipático.

O comportamento das causais integradas à direita mostra que estas ocupam uma posição básica 'baixa' na frase: são adjuntas ao predicado (SV possivelmente).

¹¹ Deixo para outra ocasião o estudo das propriedades das orações chamadas explicativas. Uma hipótese a explorar é a proposta de Culicover & Jackendoff 1997, que dá conta de alguns 'desajustes' entre subordinação semântica e subordinação sintáctica.

3.1.2. Causais integradas à esquerda

Quando estão à esquerda, colocam-se, à partida, duas hipóteses:

- 1ª hipótese: são deslocadas por movimento da posição 'baixa' referida acima
 2ª hipótese: são geradas na base à esquerda

Aplicando os mesmos testes que em 3.1.1., verificamos que as causais integradas à esquerda:

a) não podem estar sob o escopo da negação; em 0 e 0 não é possível a interpretação em que o João faltou à aula por outra razão:

- (8) Por estar preocupado, o João não faltou à aula.
 (9) Porque estava preocupado, o João não faltou à aula.

b) admitem um sujeito SN co-referente com o sujeito nulo ou pronominal da matriz, o que mostra que em 0 nem *o João* nem um seu vestígio são c-comandados pelo sujeito da matriz:

- (10) Porque o João_i esteve doente, pro_i/ele_i faltou à aula.

c) só podem modificar a frase à qual estão adjacentes:

- (11) Porque é antipático/Por ser antipático, ele diz que o Zé não empresta os apontamentos a ninguém.
 (12) Ele diz que, porque é antipático, o Zé não empresta os apontamentos a ninguém.

Para que a causal seja interpretada como modificadora da encaixada, mantendo a sua posição inicial, é necessário que esta ocorra na periferia esquerda da frase encaixada como em 0. Em 0, a causal só pode modificar a matriz.

Estas propriedades mostram-nos que, quando estão à esquerda, as causais integradas não foram movidas de uma posição básica mais baixa (ou, se foram, não estão sujeitas a reconstrução, o que é estranho). São geradas directamente em adjunção a uma posição mais alta na periferia esquerda da frase. Confirma-se, portanto, a segunda hipótese.

É curioso que, a este respeito, as orações causais parecem comportar-se de maneira diferente dos adjuntos não oracionais (SPs) à esquerda, uma vez que estes, à semelhança dos constituintes topicalizados:

a) podem estar sob o escopo da negação (com uma entoação apropriada); O pode ter a interpretação (contrastiva) de que o João faltou à aula por causa de outra pessoa:

(13) Por minha causa, o João não faltou à aula.

b) podem modificar o predicado encaixado:

(14) Por minha causa, o João acha que o Zé não faltará à aula.

c) não podem ter um SN co-referente com o sujeito da matriz:

(15) *Por causa do João_i, ele_i disse que o Pedro faltou à aula.

A razão deste contraste não é totalmente clara. Possivelmente, os adjuntos não oracionais terão um estatuto diferente dos adjuntos oracionais, estando mais próximos dos constituintes subcategorizados, o que parece trazer algum suporte a uma estrutura de concha larsoniana tal como a que é proposta em Larson (1988: 346, n.11 e 350), Larson (1990) ou em Chomsky (1995: 331-333). Seria necessário olhar para as relações de ligação que implicam c-comando assimétrico que se estabelecem entre complementos e adjuntos para testar a validade desta hipótese e ver em que medida os adjuntos oracionais têm um comportamento diferente dos SPs adjuntos. Seria importante também verificar se existe alguma hierarquização de tipos semânticos de adjuntos. Uma outra hipótese a considerar, como me foi sugerido por João Costa (c.p.), seria uma estrutura em cascata tal como propõe Pesetsky (1995). Deixo esse trabalho para investigação futura.

3.1.3. Posição e factores discursivos

Por que razão podem as causais integradas ser geradas em diferentes posições?

Creio que a projecção das causais integradas em diferentes posições está dependente de factores informacionais/discursivos. Quando são geradas à direita, elas codificam a causa não pressuposta. Quando são geradas à esquerda, aproximam-se de um tópico. A projecção à esquerda será, pois, condicionada por traços informacionais/discursivos codificados na periferia esquerda da frase. Assim, as causais integradas à esquerda aproximam-se das causais periféricas. Repare-se, no entanto, que para as causais integradas a posição à esquerda é sentida como mais marcada, enquanto para as causais periféricas essa é a posição mais natural.

Uma vez que as orações causais não são argumentos do verbo, nada impede que elas possam ser directamente geradas à esquerda. Muito pelo contrário, princípios de economia exigem que elas sejam directamente geradas à esquerda quando a causa é conhecida. Veja-se que, segundo Chomsky 1995, a operação Compor é mais económica (implica menos custos) do que a operação Mover.

3.2. Causais periféricas

3.2.1. Causais periféricas à esquerda

Quanto às causais periféricas, vimos já que elas parecem ser inerentemente pressuposicionais, codificam a causa conhecida, sendo incompatíveis com estruturas sintáticas que envolvam um qualquer processo de focalização. Elas serão, pois, projectadas na periferia esquerda da frase, numa posição em que possam verificar traços de natureza discursiva. Dadas as restrições locais à relação de modificação, elas poderão modificar apenas a frase à qual estão adjacentes.

3.2.2. Causais periféricas à direita

Mais problemática é a posição à direita que estas causais podem também ocupar, ainda que de uma forma mais marcada. De facto, a projecção à direita destas orações é problemática por diversas razões. Em primeiro lugar, nesta posição não é alterada a interpretação pressuposicional/conhecida. Ora, nós gostaríamos de relacionar essa interpretação com uma posição na periferia esquerda da frase. Em segundo lugar, a adjunção à direita pode ser problemática se admitirmos a hipótese de Kayne 1994.

Vou procurar mostrar de seguida que as causais periféricas à direita parecem ter propriedades semelhantes aos chamados constituintes 'extrapostos' ou 'deslocados à direita', qualquer que seja a sua representação estrutural. A confirmar-se esta hipótese, quando à direita, estas orações não teriam, relativamente à oração matriz, a mesma dependência sintáctica que têm quando estão à esquerda. Não teriam já um estatuto subordinado, mas antes um estatuto mais próximo de um constituinte coordenado, aproximando-se assim das chamadas orações explicativas.

Os argumentos a favor desta hipótese são por um lado de natureza prosódica, por outro lado de natureza sintáctica.

Prosodicamente, as causais periféricas à direita distinguem-se das causais integradas à direita por serem obrigatoriamente antecedidas de uma pausa e por estarem associadas a uma curva entoacional frásica distinta da da oração matriz. (Cf. Zubizarreta 1998, a propósito dos constituintes extrapostos, que se aproximariam de 'tags'.)

(16) O João faltou à aula # uma vez que havia greve dos transportes.

(17) O João faltou à aula porque havia greve dos transportes.

Sintacticamente, as causais periféricas, parecem poder ocorrer muito mais facilmente do que as causais integradas depois de uma interrogativa-tag, tal como observado por Costa (1998: 131) para os sujeitos deslocados à direita:

(18) O Zé nunca falta às aulas, pois não?, uma vez que o professor é tão exigente.

- (19) Sabes a resposta, não sabes?, já que és tão esperto.
 (20) ??? O Zé faltou à aula, não faltou?, por estar doente.
 (21) ?*O Zé teve má nota, não teve?, porque não estudou nada.

Ainda, as causais periféricas à direita, à semelhança das explicativas, e contrariamente às causais integradas à direita, admitem marginalmente a co-referência entre um sujeito SN e o sujeito nulo ou pronominal da frase matriz:

- (22) a. Ele_i raramente falta às aulas, uma vez que o homemi é muito exigente.
 b. Ele_i desatou aos pontapés, visto que o homemi estava fora de si.
 (23) a. Ele_i faltou à aula porque o homem_i esteve doente.
 b. Ele_i desatou aos pontapés porque o homem_i estava fora de si.
 (24) a. Ele_i nunca falta às aulas, que o homem_i é mesmo exigente.
 b. Ele_i desatou aos pontapés, que o homem_i estava fora de si!

Assim, as causais periféricas à direita aproximam-se, de alguma forma, das estruturas de coordenação, uma vez que parecem ocupar uma posição normalmente considerada extra-oracional.

3.2.3. Sobre a diferença entre *como* e os restantes conectores causais quanto à posição

Finalmente, gostaria de avançar uma hipótese de explicação para o comportamento singular das orações causais introduzidas por *como*, as únicas que não podem ocorrer em posição final.

Como vimos, os conectores causais do tipo de *já que*, *visto que*, *dado que*, *uma vez que* e *como* são inerentemente pressuposicionais, estabelecem relação com um dado pressuposto. Em todos eles excepto em *como* há um elemento lexical (operador pressuposicional) que marca essa relação (*já*, *visto*, *dado* e *uma vez*).

Podemos pensar que, porque *como* carece desse elemento lexical, o Operador pressuposicional será mais fraco. Assim, terá de estabelecer uma relação local com uma categoria funcional responsável por estabelecer a ligação com o universo partilhado, que codifica traços discursivos. Assim, as causais introduzidas por *como*, contrariamente às causais introduzidas por *já que*, *visto que*, *dado que* e *uma vez que*, não podem ocorrer à direita, já que, como vimos, essa é uma posição 'distante', extra-oracional.

Esta hipótese prediz que as causais introduzidas por *visto como*, que existiam em estádios anteriores da língua, possam ocorrer à direita. Seria interessante verificar se isso acontecia efectivamente.

4. Conclusões (provisórias)

Embora muitas questões tenham ficado ainda sem resposta, pudemos, no entanto, chegar a algumas conclusões, obviamente provisórias, dado o estado inicial desta investigação. Resumo-as de seguida:

1. Existem diferentes classes sintactico-semânticas de orações causais: orações coordenadas explicativas; orações subordinadas integradas; orações subordinadas periféricas.

2. A aparente variação na posição ocupada pelas orações subordinadas causais resulta de factores discursivos (pressuposto/não pressuposto). Pode resultar também de factores de natureza prosódica (sensibilidade ao peso dos constituintes).

3. As orações causais podem ser geradas na base em diferentes posições de acordo com o seu estatuto discursivo.

4. Existe uma diferença de estatuto entre as orações 'adjuntas' e os SPs 'adjuntos'. Estes últimos aproximam-se de argumentos, de constituintes subcategorizados.

5. Existe uma posição na periferia esquerda da frase que codifica traços discursivos (pressuposicionais) que deverão ser verificados pelas orações causais que envolvem uma pressuposição.

6. Algumas orações causais são inerentemente pressuposicionais: as orações finitas introduzidas pelos conectores causais *já que*, *uma vez que*, *dado que*, *visto que*, e as orações infinitivas introduzidas por *visto* ou *dado*, que contêm um operador pressuposicional lexical, e as que são introduzidas pelo conector *como*, cujo operador não é lexical e, por isso, tem de estabelecer relação local com uma categoria funcional que codifica traços discursivos.

7. A posição ocupada à direita pelas causais periféricas corresponde a uma posição de extraposição.

Referências bibliográficas

- AMBAR, Manuela (1999) 'Aspects of the Syntax of Focus in Portuguese', in Georges Rebuschi & Laurice Tuller, eds. *The Grammar of Focus*, John Benjamins Publishing Co., Amsterdam/Philadelphia; 23-53.
- BECHARA, Evanildo (1999) *Moderna Gramática Portuguesa*, Ed. Lucarna, Rio de Janeiro, 37ªed. revista e ampliada.
- BERTA, Tibor, Ildikó SZIJ & Judit TAPAZDI (1999) *A Subordinação Adverbial em Português*, (Giampaolo Salvi, org.), Íbisz, Departamento de Português da Universidade Eötvös Loránd de Budapeste, Budapeste.
- BOSQUE, Ignacio & V. DEMONTE, orgs. (1999) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Espasa, Madrid.
- CHOMSKY, Noam (1995) *The Minimalist Program*, The MIT Press, Cambridge Mass.
- COELHO, Adolfo (1891) *Noções Elementares de Grammatica Portuguesa*, Lemos & Cia Ed., Porto.
- COSTA, João (1998) *Word Order Variation. A constraint-based approach*, Holland Academic Graphics, The Hague.

- CULICOVER, Peter W. & Ray JACKENDOFF (1997) 'Semantic Subordination despite Syntactic Coordination', *Linguistic Inquiry* 28.2; 195-217.
- CUNHA, Celso & Luis Filipe Lindley CINTRA (1984) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Ed. J. Sá da Costa, Lisboa.
- DIAS, Augusto Epifânio da Silva (1881) *Grammatica Portuguesa Elementar*, 4ª ed. rev., Liv. Elementar, Porto. 13ª ed. rev. Liv. Escolar de A. Ferreira Machado & Cia Ed., Lisboa, 1921.
- DUARTE, Inês (1997) 'Ordem de Palavras: Sintaxe e Estrutura Discursiva', in A. M. Brito, F. Oliveira, I. P. de Lima e R. M. Martelo (orgs.) *Sentido que a Vida Faz. Estudos para Óscar Lopes*, Campo das Letras, Porto; 581-592.
- GALÁN RODRÍGUEZ, Carmen (1999) 'La subordinación causal y final', in I. Bosque & V. Demonte, orgs. (1999), vol.III; cap. 56.
- GIUSTI, Giuliana (1991) 'Le Frasi Causali', in L. Renzi & G. Salvi, orgs. (1991); cap. XIII. 2.2.
- KAYNE, Richard (1994) *The Antisymmetry of Syntax*, MIT Press, Cambridge, Mass.
- KISS, Katalin É (1998) 'Identificational Focus versus Information Focus', *Language* 74.2; 245-273.
- LARSON, Richard (1988) 'On the Double Object Construction', *Linguistic Inquiry* 19.3; 335-391.
- LARSON, Richard (1990) 'Double Objects Revisited: Reply to Jackendoff', *Linguistic Inquiry* 21.4; 589-632.
- LOBO, Maria (1999) 'As Orações Adverbiais na Tradição Gramatical Portuguesa', in M. H. M. Mateus & C. N. Correia, orgs. *Revista da FCSH. Número especial: Homenagem à Professora Maria Henriqueta Costa Campos*, Colibri, Lisboa (no prelo).
- LOBO, Maria (em curso) *A Sintaxe das Orações Subordinadas Adverbiais do Português*, Diss. de Doutoramento, Fac. Ciências Sociais e Humanas da Univ. Nova de Lisboa, Lisboa.
- LONGACRE, Robert E. (1985) 'Sentences as combinations of clauses', in Shopen (1985).
- LOPES, Óscar (1972) *Gramática Simbólica do Português (um esboço)*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- LÓPEZ GARCÍA, Ángel (1999) 'Relaciones Paratáticas e Hipotáticas', in I. Bosque & V. Demonte, orgs.
- MATEUS, Maria Helena Mira, Ana Maria BRITO, Inês DUARTE & Isabel Hub FARIA (1989) *Gramática da Língua Portuguesa*, Caminho, Lisboa.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1989) *Estruturas Trecentistas. Elementos para uma gramática do Português Arcaico*, INCM, Lisboa.
- Nomenclatura Gramatical Portuguesa*, Portaria nº 22.664 do Ministério da Educação Nacional, publicada no *Diário do Governo*, I série, de 28 de Abril de 1967.
- PERES, João Andrade (1997) 'Sobre Conexões Proposicionais em Português', in A. M. Brito, F. Oliveira, I. P. de Lima e R. M. Martelo (orgs.) *Sentido que a Vida Faz. Estudos para Óscar Lopes*, Campo das Letras, Porto; 775-787.
- PESETSKY, David (1995) *Zero Syntax. Experiencers and Cascades*, The MIT Press, Cambridge Mass.
- PIOT, Mireille (1988) 'Coordination-Subordination. Une définition générale', *Langue Française 77 Syntaxe des Connecteurs*.
- QUIRK, Randolph, Sidney GREENBAUM, Geoffrey LEECH & Jan SVARTVIK (1985) *A Comprehensive Grammar of the English Language*, Longman, London/New York.

- RENZI, Lorenzo & Giampaolo SALVI, orgs. (1991) *Grande Grammatica Italiana di Consultazione. II. I sintagmi verbale, aggettivale, avverbiale. La subordinazione*, il Mulino, Bologna.
- SHOPEN, Timothy, ed. (1985) *Language Typology and Syntactic Description*, vol.II *Complex Constructions*, Cambridge University Press, Cambridge.
- TLEBS – *Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário*, Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário – Departamento da Educação Básica – Associação de Professores de Português, Lisboa, 2000.
- VERA LUJÁN, A. (1981) 'En torno a las oraciones concesivas: concesión, coordinación y subordinación', *Verba* 8; 187-203.
- ZUBIZARRETA, Maria Luisa (1998) *Prosody, Focus, and Word Order*, The MIT Press, Cambridge, Mass.